

BIBLIOTECA DA DIVERSIDADE

CRISTIAN SANTOS

Bibliotecário da Câmara dos Deputados desde 2009, tendo atuado na Biblioteca do Superior Tribunal de Justiça por dez anos. É pós-doutorando em História pela Casa de Rui Barbosa, Doutor em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília, Mestre em Ciência da



Informação, graduado em Filosofia, Tradução, Biblioteconomia, Teologia e Letras (Língua e Literatura Francesas). É membro titular do Conselho Regional de Biblioteconomia (1ª Região) e membro titular do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB). Além de se dedicar ao estudo da relação entre literatura e sagrado, tendo sido agraciado, recentemente, com o *Premio Casa de las Américas* por seu livro *Devotos e Devassos* (EdUSP, 2014), analisa a

atuação do Poder Legislativo em matérias envolvendo as bibliotecas, políticas de leitura e assuntos afins.

RBBD: Qual foi a sua principal motivação para idealizar a Biblioteca da Diversidade?

Cristian: A revolta frente ao silêncio desdenhoso, quase cínico das bibliotecas brasileiras em torno das questões de gênero e de orientação sexual me arrancou da letargia e pôs fim ao meu projeto de ser, apenas, um bibliotecário bem remunerado da Câmara dos Deputados. Três acontecimentos me conduziram ao “despertar”. Tudo começou em um dia calorento de agosto, quando estagiava no balcão de empréstimo da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (UnB). Uma moça se aproximou; trazia nas mãos um romance lésbico. A bibliotecária que me treinava, mirou, com asco, a capa do livro, e investiu pesado na feição de desprezo dirigida a menina que, acuada, saiu encolhida, com os olhos fitos no chão. Embora já tenha passado 17 anos do ocorrido, jamais me esquecerei da dor estampada no rosto daquela leitora. Experimentei, mais tarde que não se trata de um caso isolado. Posteriormente, a bissexual



Virginia Woolf me afetou profundamente ao acusar, em *Um Teto Todo Seu*, os bibliotecários da Universidade de Oxford de entupirem o catálogo com verbetes e remissivas misóginas. Finalmente, observei que, embora o Brasil prepare a maior Parada Gay do mundo, também ocupa o topo no ranking de assassinatos de homossexuais. E aí me perguntei: nossos acervos, nossos produtos e serviços, nosso modo de tratar e divulgar a informação tem levado em conta que a homofobia mata um homossexual a cada 28 horas em nosso país? Cheguei a conclusão que nossas bibliotecas, em geral, manifestam pouco ou nenhum interesse em lidar com corpos e desejos fora da norma. Alguns colegas, como a bibliotecária da UnB, se valem de modalidades explícitas de violência simbólica; a grande maioria, contudo, opta pelo tom diplomático, apregoando acolhimento e bons préstimos a todos os cidadãos, discurso facilmente desmascarado com uma simples consulta ao OPAC. A Biblioteca da Diversidade nasce, portanto, como uma tentativa de combater esse quadro de violência física e simbólica, alimentado pela ignorância.

A Associação Biblioteca da Diversidade, em vias de registro, é uma pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos, notadamente autônoma, não sendo vinculada a partidos políticos, grupos religiosos e/ou qualquer entidade ou filosofia. Seus objetivos são três:

- a) Oferecer um acervo bibliográfico destinado a atender as necessidades das minorias sexuais e religiosas;
- b) Propiciar uma gama de produtos e serviços de informação destinados a visibilizar a diversidade sexual;
- c) Promover cursos, seminários, fóruns de debates e encontros que atendam às necessidades de aprofundamento dos temas envolvendo gênero e orientação sexual.

RBBB: Por que você pensou na criação do calendário?

Cristian: O calendário foi uma estratégia destinada a lançar a ideia da Biblioteca da Diversidade. Aproveitei a ocasião para ridicularizar o estigma de que a Biblioteconomia é,

exclusivamente, feminina, convidando homens bibliotecários e alunos de Biblioteconomia para posar. Essa discussão me pareceu necessária porque, ao desnaturalizar a relação totalizante entre gênero e profissão, passamos a interrogar a própria identidade reducionista atribuída à biblioteca como *locus* de cuidado, e ao profissional como “tia boazinha”. Visibilizei, ainda, por meio da nudez de homens negros e brancos, jovens e maduros, oriundos de todas as regiões do país, a estupidez de um segundo estereótipo que nos persegue: de que o bibliotecário, por exercer o sacerdócio da custódia de fontes documentais, acaba perdendo o seu rosto, o seu sexo, o seu desejo. Reproduzir bibliotecários nus foi o mecanismo encontrado para desmentir a tese de que o valor que permeia a nossa missão enquanto profissionais é a neutralidade. Ao se fazerem fotografar desnudos dentro da biblioteca, eles dissociaram, terminantemente, a relação entre produtividade e submissão, os dois elementos do corpo moderno, segundo Michel Foucault. De fato, embora pretendendo serem úteis à sociedade – todos eles estão munidos ou cercados de livros, evocando seu ministério de guardiães do saber –, se mantém indóceis ao discurso normativo, que criminaliza e pune sujeitos tidos como fora do padrão.

Embora não saiba, ao certo, se o processo de significação ficou claro para todos, o que posso afirmar é que o calendário agradou muito. O calendário foi noticiado em jornais e sites de notícias de todo o mundo, como a França, México, Estados Unidos, Itália e Colômbia. Em 28 dias, todos os exemplares tinham sido vendidos, inclusive para bibliotecários da Nova Zelândia e Dinamarca.

RBBB: Como você vê a articulação desse projeto com as bibliotecas públicas?

Cristian: O Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas reconhece que não há liberdade e prosperidade individual e coletiva sem acesso efetivo à informação. E sabemos que os homossexuais, lésbicas, transexuais e bissexuais brasileiros são impedidos de exercer, plenamente, a sua cidadania, seja em virtude de uma teia de discursos de ódio, muitos deles justificados por textos ditos “sagrados”, seja pela inoperância do Estado, frequentemente atrelado a forças conservadoras.



Entrevista

Minha única aspiração é que consigamos criar um espaço simbólico acolhedor às vítimas do ódio envolvendo gênero e orientação sexual. Que nas estantes de nossa Biblioteca um adolescente gay encontre um livro que o auxilie em seu processo de empoderamento e que tenhamos palestras destinadas a esclarecer a comunidade a respeito da transexualidade. Enfim, que a Biblioteca da Diversidade seja um contraponto ao silêncio de tantas outras instituições.

RBBD: Como as pessoas podem colaborar com o projeto?

Cristian: Nosso maior desafio, neste momento, é adquirir o terreno onde será construída a sede da Biblioteca. O valor gravita em torno de R\$ 800.000,00. Além de doações em dinheiro, aceitamos itens bibliográficos para serem incorporados ao nosso acervo (serão bem-vindas todas as obras que discutam questões ligadas à sexualidade, bem como títulos de Literatura, Filosofia, Psicologia e Ciências Sociais em geral).